

SUPLEMENTO
UMORISTICO DE

O SECULO



Dirêtor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.º

Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

A raposa cordeal e as uvas



—Não as quiz, porque estavam verdes!



PALESTRA AMENA

Lá fóra

Costumamos encher a boca com o que se passa «lá fóra» sempre que queremos dizer mal do que se passa cá dentro, e não ha perfeição que não encontremos em paizes estrangeiros, como não ha defeito que não apontemos em nossa casa. «Vejam os inglezes... vejam os francezes... vejam, principalmente os americanos...» é o que por aí se ouve, a proposito de tudo, a proposito, por exemplo, de disturbios e desordens sangrentas nas ruas.

E' o caso de achar a galinha da vizinha sempre mais gorda do que a nossa, porquanto na Inglaterra, França, Estados-Unidos, etc. ha tantas cabeças exaltadas como em Portugal: que diriam os senhores dos portuguezes, se, por exemplo, aqui se dessem as cenas que ultimamente se teem dado em Chicago, entre pretos e brancos?

E ainda a respeito d'esse môdelo de perfeição que são os Estados-Unidos — e são-no, na verdade — tenham a bondade de ler o seguinte telegrama: «New-York, 9. — Começou hontem a greve dos actores, tendo os treze primeiros theatros que fechar, não obstante o publico ter já tomado logares para assistir á representação.»

Ora aí teem. Os actores, que não são artifices, mas artistas a valer, que teem responsabilidades intellectuais, que teem um importante papel educador, tambem lançaram a perturbação d'uma greve na cidade do progresso, sem se importarem com o publico que, de mais a mais, já tinha comprado bilhetes.

Muito bem. E aqui? E' por acaso, possivel uma greve analoga, uma greve de actores? Não é — e no entanto sabe Deus que as consequencias de semelhante attitude de modo algum se poderiam comparar com as que teem resultado das outras greves. Mais ainda: d'uma greve de actores no actual momento, resultaria por ventura o bem geral, o socego para os pobres criticos teatraes, que fazem maravilhas de ginstica literaria para que não falte o ganha-pão a centos de familias que vivem do palco, repouso para os cerebros dos espectadores, desorientados pelos disparates que abundam na interpretação das peças, desvio de capitais que se empregam na montagem de estopadas cenicás dissolventes, para empresas de mais utilidade, etc.

Afinal de contas, d'esta vez é que parece que os pessimistas podem apontar como exemplo o que se passa «lá fóra»; uma greve de actores, entre nós, não seria de modo algum uma calamidade, e embora se estranhasse o facto e se lamentasse nos primeiros dias, em breve o publico se habituaria.

— Então todos os nossos actores são maus? perguntará quem nos lê.

O' senhores! não; ha-os bons, ha-os até ótimos, mas como sempre ha ama-

relas quando se trata de greves, era muito provavel que n'esta os amarellos fossem precisamente os artistas bons, melhores e ótimos, e d'esse modo o lucro que adviria da paralisação do trabalho dos maus, peores e pessimismos, seria grande, maior ou maximo, porque só se veria representar bem. E' verdade que não haveria, n'esse caso, senão um teatro em Lisboa, porque a companhia não dava para mais, mas isso não nos parece que fosse uma desvantagem, antes pelo contrario.

J. Neutral.

Homem feliz

Quem é actualmente o homem mais feliz de Portugal e Algarves? Estamos a vêr o sorriso do leitor e a ouvir a resposta pronta: — E' o sr. Antonio José d'Almeida.

Pois não é tal. E' o sr. Canto e Castro. S. ex.^a, que é um cantor mediocre e um dançarino de pouco mais ou menos — desculpe-nos a impertinencia — quando lhe deram a noticia de que tinha, finalmente, substituto, co-



meçou a dançar o fadango e a cantar a Rosa, enxota o pinto, que parecia um estudante em ferias!

Não que a sua carreira presidencial não fosse um tapete de rosas; não que não se tivesse visto rodeado de facilidades, de fraternidades; mas tantos carinhos eram, na verdade, de mais para um homem só e s. ex.^a não é egoista: acha que já era tempo de que outro fosse gosar tais delicias.

— Outro, que eu já estou! foram as suas palavras, ao comunicarem-lhe o resultado da eleição.

Torre de chifre
Soneto

*Em tarde amena e mui saudosa
Vi-te andar abandonada
No peito tinhas uma rosa
E no cabelo uma lapada.*

*Não era lá qualquer coisa,
Era a minha namorada,
Com a cara mui rosada
E andar de matiposa.*

*Desappareceu no horizonte
Deixando um longo rasto
Seccou como agnã da fonte.*

*O' idolo encantador e casto!
Quem dera ter-ie sempre defronte
Como a luz ou outro qualquer astro!*

JOSÉ C. ALMEIRIM

DE FÓRA

Ela e ele

(A Maria Cachucha.)

*Mas, Jesus! que vos disse eu
Da mulher, para que vós
Me chamasseis assim tonto
N'uma forma tão atroz!!*

*Nada disse que pudesse
Melndra-la, veja bem,
E só, se cá na terra
Sé ela valôr contem?!*

*Retira-a, se pudesdes,
Do mundo só por momentos,
Verets em breve finda-lo
A' mingua de sentimentos.*

*E' por ela que ao Calvario
Levamos a nossa cruz,
E' noss' alma, nossa vida,
Dos nossos olhos a luz.*

*Entretanto cada um
Julgar pôde o que quizer:
Será «Maria Cachucha»
Um homem... ou é mulher?!...*

IGMOTUS 2.º.

Lisboa sem agua

Todos os anos por este tempo se ouve a cantata de que Lisboa vai ficar sem agua, o que produz muito susto aos taberneiros e ainda á maioria dos habitantes, pois que todo o lisboeta que se preza toma banho duas ou tres vezes por mez. Dura o boato uns 15 dias, mas como, passados estes, se reconhece que ninguém morreu de sede, o susto desapareceu.

Aparentemente, o facto não vale nada: comtudo, para o observador atento ele anda ligado a outro de suma importancia, qual é á causa das revolu-



ções que se dão entre nós, em curtos periodos.

Ora raciocinemos: por que é que a agua não chega para todos os habitantes? Porque a população de Lisboa cresce, de ano para ano. Que será, então, necessario fazer para que a agua, antigamente destinada a umas 300:000 mil pessoas, chegue para 600:000? De duas uma: ou aumentar a provisão de agua, ou diminuir o numero de habitantes. A provisão de agua não é facil de aumentar — logo, a unica solução do problema consiste na diminuição da população, para o que as revoluções são meio efficacissimo.

Fiquemos, pois, em que o sr. Machado dos Santos é um benem erito.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa

Lanso mão da penna para te mandar estas duas regras desijando có fazer desta istejas de caude i mal touda a noça familia amer. Eu grassas a deus paço cem nuvidade i cá vou andando na minha pelingrinassão darranjar companhia pró inverno pró noço Paulitiamas, mas u diabo é cagora aparseu cá um nouvo impresario, u sr. Ogusto Pina, cujo este ufrece rios de dinheiro ós artistas de modos que assumbarca tudo pró trindade. Infim já tanho in vista alguns, cumo pur inzemplo a novel atriz Julieta Simões ca inda não deve cer de inzignensas. Fez uma noite desta a *Menina du chuculate*, mas já ce çabe, d'um chuculate fraquinho pur ora, con pouco cacau i tamem cum pouco açucre porque este istá munto caro. Aindas a proposito de novos tamem istou in vista deiscriturar u Vasco Santana que tem munta abelidade i que vim ultemamente fazer tã bem uma tachada na *Mulher ingrata* que inté parsia a cério. Cuja esta *Mulher ingrata* é injeitada, isto



é, não tem ótor ou ce u tem é tão inceguenficante que nem le deram a impurtansia di u pôr nu cartaz, adonde có figura u adapetador que é u sr. Ruldão filho i nan deicha de ter a çua xalassa não desfazendo in quem istá persente.

A *Mulher ingrata* ven a cer a sr.^a Satanela dus olhos olofoticos, touda decutadinha, u sr. Amarante cempre a arrepersintar munto bem, u dito Vasco in que já te fallei i dois artistas pegados un ao outro que é u melhor da pessa i que vinheram abrir novos urisontes ó triato de cumedia: daqui in diente já çabemos que temos de gramar persunajes ós pares, ós trez, ós quatro, etc. para fazer rir a jente, pois istá pruvado que un çó não tem grassa ou tem menos que duas; infetivemente, por inzemplo, ce u Jaquin Costa tem piada çósinho açim cumo tamem u Xabi, fasase indeja du piadão que trão ambos i dois pegados um ao outro! U pior é que natralmente tamem tanho de u iscriturar ós pares i açin dobra a despeza, mas u purgreço cando xega é pra toudos i Peras Ruivas não é ninhuma terra de pouco mais ó menos.

I cun isto tarmino estas minhas esperções espersivas cum muntas çoidades du fresquinho de ain, purque aqui

EM FOCO

Antonio José d'Almeida



*Podia por ventura vosselencia
Oferecer-me cem milhões por dia
Para eu trocar a minha mediania
Pela alta posição da Presidencia,*

*Que tivesse santissima paciencia,
Eu nunca em tal asneira cairia ;
Se para ai me desse a fantasia.
E' que tinha um ataque de demencia!*

*Por isso, porque estar n'aquela altura
E' como estar ao pé d'um precipicio,
Eu me dobro em profunda curvatura*

*Perante quem aceita tal officio:
Que sublime isenção de criatura!
Que amôr ao seu paiz! que sacrificio!*

BELMIRO

tem istado córenta degraus á çombra não fallando nu çol que ten cido uma pouca bergonha de degraus. Adeus, Zefa dum anjo, arressebe um bejo códoso nu pescosso i dá çoidades minhas ó sr. perior, ó noço jimento, ós nossos bácross i ós noços filhos i a quem por mim preguntar, teu pra cempre internamente.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

A nova California

Os senhores querem saber quanto uma hespanholita nem bonita nem feia, nem alta nem baixa, nem gorda nem magra, não cantando bem nem mal, vai ganhar por noite n'um casino de Lisboa?

— Dois ou tres escudos, dirão vossas senhorias. Pois enganam-se: vai

Correspondencia

Amavel Tónio. — Dispensamos as suas amabilidades. O senhor é tolo sem mistura.

Clara R. G. T. — Tem vossa excellencia uma extraordinaria vocação para a poesia. Para que se anime a continuar, ai vai uma das suas numerosas composições:

LOIRO

E's tão loiro como as espigas
Ao pôr do sol na campina;
E's tão loiro que me obrigas
A julgar que és uma menina.

São de oiro os teus cabelos
Que te caem pelas faces;
Quem me dera sempre tel-os,
Ainda que te admirasses.

Mais loiras não são as loiras
Filhas da patria ingleza,
Assim como são morenas as moiras
Por serem d'outra natureza.

Mas mesmo que fosses moreno
Eu havia de te amar,
Como á rocha do terreno,
Ama a espuma do mar.

Lindo! lindo!



ganhar 250 escudos cada noite, nem mais nem meynos.

E' claro que a dita cachopinha imagina que está n'um paiz de malucos, como aquele seu compatriota, natural da Galiza que dizia dos portugueses:

— São de taal raça, que a agua é deles e a gente *benade-la!*

E lembrar-s-se uma pessoa de que um medico, um aadvogado, um engenheiro, queimaram as pestanas durante anos e anos em varias escolas e gastaram rios de dinheiro nos respectivos cursos, para ganharem tres ou quatro escudos por dia—na mmelhor das hipoteses!

Ai! não nascermos nós em Hespanha e com as orelhas furadas!

DE PALANQUE

TEATRADAS

Rafael Zeira



—A' unha!